



UM TRABALHO DISCURSIVO COM O DICIONÁRIO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo: Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para sociedade

Andressa Brenner Fernandes¹

Ana Paula Correa²

Thaís Costa³

RESUMO

Este relato apresenta algumas considerações acerca de um projeto de extensão denominado “O dicionário como instrumento didático-pedagógico no ensino da Língua Portuguesa: da pesquisa à prática em sala de aula” (vinculado ao PROLICEN), realizado com alunos do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pão dos Pobres Santo Antônio. Esse projeto objetivava desenvolver atividades de utilização e funcionamento do dicionário, na aula de Língua Portuguesa, a partir de uma perspectiva discursiva, almejando entender o processo de produção dos sentidos.

Palavras-chave: Dicionário, Sala de aula, Análise de Discurso.

INTRODUÇÃO

No projeto “O dicionário como instrumento didático-pedagógico no ensino da Língua Portuguesa: da pesquisa à prática em sala de aula”, desenvolvido com alunos do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pão dos Pobres Santo Antônio, buscamos trabalhar, em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, especificamente com o dicionário. Compreendendo-o como um instrumento linguístico fundamental para o processo de gramatização de uma língua (AUROUX, 1992) e como um objeto discursivo a ser lido (NUNES, 2006), desenvolvemos atividades de utilização e funcionamento desse objeto a fim de entender os processos de produção de sentidos em determinadas condições de produção. Para tanto, fundamentamos essas atividades em uma perspectiva discursiva, seguindo a teoria da Análise de Discurso.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela UFSM. E-mail: andressabfernandes93@gmail.com.

² Mestre em Estudos Linguísticos pela UFSM. E-mail: anapaulaalvescorrea@gmail.com.

³ Mestranda em Estudos Linguísticos pela UFSM. E-mail: tatacostta@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Como afirmam Scherer e Petri (2016), o efeito de sentido que o dicionário produz nos sujeitos é da ordem de um imaginário que diz que tanto a ortografia, que é formal, estrutural e fixa, como os sentidos, que são de natureza mais fluída, cabem nele. E esse imaginário é construído pelos sujeitos. Nas palavras de Scherer e Petri (2016, p. 364):

É próprio ao sujeito, em sentido amplo, construir um imaginário de que o saber está dado em um livro, como se a palavra fosse “domesticável”, e fosse apreensível em sua totalidade como um objeto material. E, assim, os instrumentos linguísticos vão ganhando seu funcionamento, são eles os grandes “senhores” que poderiam controlar e dominar os processos de produção de significação de um determinado saber.

Do que dizem as autoras, reverbera a questão de que o dicionário, muitas vezes, é visto como um livro que contempla todas as palavras de uma língua e suas respectivas significações. Dizendo de outra forma, normalmente, se vê no dicionário um efeito de completude da representação da língua, como se nele houvesse todas as palavras da língua e como se essas palavras tivessem sua significação descrita com exatidão, não havendo deriva de sentido. O que faz com que esse instrumento reflita uma imagem de “unidade de língua e sua representabilidade” (ORLANDI, 2002, p. 103). Uma língua sem falhas e furos. Do mesmo modo faz com que reflita uma imagem de “ser livre de ideologia”.

Na escuta própria à Análise de Discurso, o dicionário surge como um lugar de incertezas e de dúvidas. Além disso, surge como um lugar que dá a ver as marcas da ideologia e de certa conjuntura – “seu processo de produção é vinculado a uma determinada rede de memória diante da língua” (ORLANDI, 2002, p. 103). Ademais, tal objeto é produzido por sujeitos e para sujeitos: é “um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas” (NUNES, 2010, p. 07). Nessa esteira, é que dizemos que podemos observar no dicionário uma posição-sujeito (SCHERER; PETRI, 2016).

Ou seja, entendemos o dicionário como parte de nossa relação com a língua, o que nos faz ver sua presença como objeto simbólico, histórico, e não somente em sua função normalizadora. Desse modo, as atividades do projeto abordavam questões como o significado de diferentes palavras em distintos dicionários. Ou seja, detinham-se em como o dicionário, com seu aspecto formal, também dá a ver a historicidade dos sentidos, bem como a posição-sujeito assumida pelo lexicógrafo ao estabelecer dada acepção.

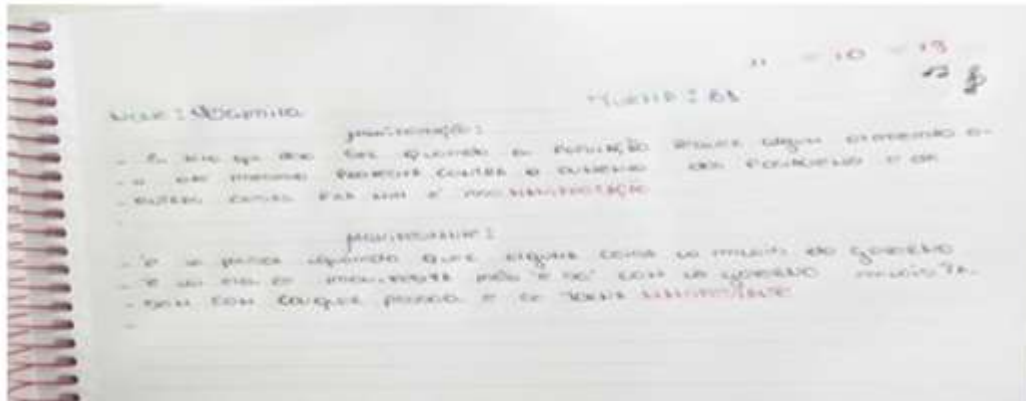
DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

O desenvolvimento do projeto deu-se em três momentos distintos: Em um primeiro momento, apresentamo-nos aos alunos do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pão dos Pobres Santo Antônio e explicamos o que contemplava a realização do projeto. Em um segundo momento, trabalhamos com os alunos com as atividades desenvolvidas por nós, as quais foram centradas no funcionamento discursivo do dicionário. As atividades buscaram abordar, particularmente, reflexões sobre os verbetes de dicionários distintos. E, em um terceiro momento, refletimos sobre o que realizamos e produzimos este relato.

A título de exemplo de atividade, trazemos a que desenvolvemos no primeiro encontro com a turma, depois da etapa de produção das atividades. Solicitamos que os alunos procurassem em diferentes dicionários as significações das palavras manifestação e manifestante. A escolha do trabalho com essas palavras deveu-se ao fato de que elas estavam presentes no discurso político que vinha sendo mobilizado naquele momento no Brasil. Na conjuntura histórica e social do país em 2013, haviam muitas manifestações que tinham, inicialmente, como principal bandeira a melhora na mobilidade urbana e a redução dos preços das passagens de ônibus; sendo que, em segundo momento, elas englobavam objeções contra a corrupção, os governos e os políticos.

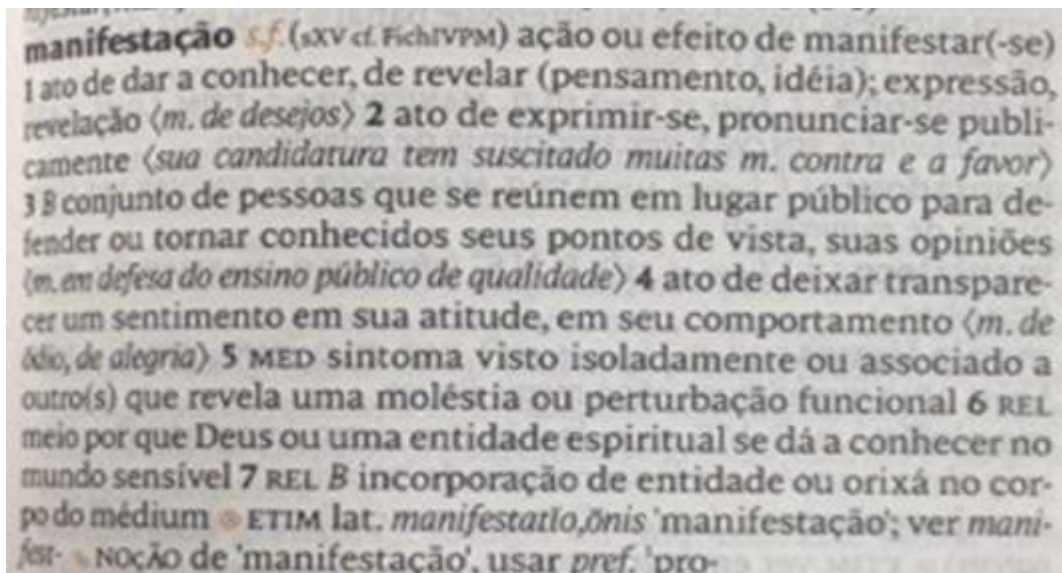
Trazemos aqui, um dos exemplos das atividades desenvolvidas, em função das frequentes manifestações, solicitamos aos alunos que fizessem um verbe de das palavras: manifestação e manifestante. Após, pedimos para que procurassem no

dicionário o significado dessas palavras, procurando identificar as semelhanças e/ou diferenças existentes em cada acepção.



Manifestação: [...] quando a população requer algum aumento ou até mesmo protesta contra o aumento das passagens e de outras coisas.

Manifestante: é a pessoa que quando quer alguma coisa do governo vai manifestar, quer dizer, alguma coisa não só do governo mas também de qualquer pessoa; ela se torna manifestante.



manifestante *adj. 2g, s. 2g.* (1881 cf. CA) 1 que ou aquele que se manifesta 1.1 que ou aquele que participa de manifestação pública de caráter político, reivindicatório etc. <grupos m.> <milhares de m. percorreram as ruas da cidade> ◊ ETIM *manifestar* + *-nte*; ver *manifest-*
◊ SIN/VAR *manifestador*

A partir disso, os alunos analisaram, então, os verbetes das palavras em questão em dicionários distintos, observando que neles há uma escolha de determinados sentidos para manifestação e manifestante em detrimento de outras possíveis – ou seja, há uma tomada de posição de quem os produziu, à proporção que, como assevera Orlandi (2011, p. 53), “os sentidos e os sujeitos são divididos e têm uma direção” que é política – e observando as diferentes conjunturas em que eles foram publicados.

Partindo disso, os alunos também fizeram um trabalho de comparação das definições encontradas em cada dicionário, identificando as semelhanças e/ou diferenças existentes em cada uma delas. Para isso, eles foram orientados pelas seguintes questões: Há diferenças nas definições? Se sim, porquê? Será que os dicionários possuem todas as definições possíveis para manifestação e manifestante? Podemos falar que o dicionário contempla todas as significações dessas palavras? Nesse momento (ano de 2013), que sentidos vocês dariam a elas?

Com esse trabalho, os alunos perceberam que é sempre possível questionar os sentidos das palavras, já que a língua está sujeita a falhas e, por isso, possibilita múltiplas interpretações. No momento em que os alunos compararam as diferentes acepções de manifestação e manifestante, em diferentes dicionários, e depois deram sua própria acepção para cada uma delas, eles notaram que os significados das palavras não estão guardados, fechados, assegurados pelo dicionário. Isto é, com esse trabalho de refletir com os alunos sobre os sentidos, chamá-los a pensar sobre a certeza, verdade, ideias de completude que estão ligadas, normalmente,



ao dicionário. Desconstruir a ideia de objeto detentor de verdades do dicionário e, sobretudo, discutir sobre seu funcionamento foi o objetivo deste projeto.

A língua portuguesa torna-se necessária e fundamental, levando em conta que ela traz questões de leitura, interpretação, reflexão e produção, inerentes às demais disciplinas do currículo. Cada vez mais é necessário pensar/repensar o processo de ensino/aprendizagem nas escolas, tendo em vista, segundo os PPP's das escolas da rede pública de ensino, "formar cidadãos e educar para a vida com liberdade e responsabilidade".

Para isso, a produção de sentidos a partir dos dicionários deve ser pensada como possíveis de outras interpretações. Quando o aluno atribui sentido a uma palavra e em seguida procura no dicionário para comparar o que está dito, ele pode verificar que não está no dicionário, pois o dicionário não dá conta de todos os sentidos que a palavra produz

CONCLUSÃO

Para concluirmos, afirmamos que as atividades de utilização e funcionamento do dicionário proporcionaram aos alunos um entendimento de que esse objeto não é lugar de sentidos absolutos. Nele, há sentidos que foram silenciados, ou melhor, há diferenças ideológicas de sentidos silenciadas, como se a língua fosse transparente e neutra (ORLANDI, 2002). Através das atividades, os alunos compreenderam que os significados que estão nos dicionários são pré-determinados pelo estado de luta de classes e explicitam as relações de forças ideológicas em funcionamento em dado momento histórico e social. Fato que os leva a desmascarar uma suposta completude de sentidos (SCHERER; PETRI, 2016).

Sendo assim, trazemos versos de José Saramago, nos quais temos a definição de sorriso: "Sorriso, diz-me aqui o dicionário, é o acto de sorrir. E sorrir é rir sem fazer ruído e executando contracção muscular da boca e dos olhos'. O sorriso, meus amigos, é muito mais do que estas pobres definições, e eu pasmo ao

imaginar o autor do dicionário no ato de escrever o seu verbete, assim a frio, como se nunca tivesse sorrido na vida. Por aqui se vê até que ponto o que as pessoas fazem pode diferir do que dizem”.

A poesia que inspira dos versos do autor suscita a questão de que uma definição não pode ser contida no espaço do dicionário, pois ela escapa-lhe, afinal, os sentidos têm materialidade, historicidade; eles não têm fronteiras, tampouco limites. E o dicionário é, então, lugar de tensão entre a dispersão do real e a unidade imaginária da língua. Esse foi nosso propósito de trabalho e o que acreditamos ter mostrado para os alunos com o desenvolvimento das atividades.

Por fim, acreditamos que esse projeto ajudou os alunos a entender a incompletude, a diferença, a alteridade constitutiva do objeto em questão. Bem como acreditamos ser fundamental mais projetos assim, que coloquem em relação o sujeito e língua. A partir das atividades executadas e do trabalho apresentado, ressaltamos a importância de o dicionário estar sempre presente, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, de modo que essa prática reflexiva se torne uma constante no ensino-aprendizagem de língua. Concluímos que os alunos tiveram a oportunidade de não só trabalhar com os dicionários de forma mais lúdica, como também desconstruir o imaginário desse instrumento como detentor da verdade. Entendemos o dicionário como ponto de partida, a fim de que se pense e se discuta os sentidos das palavras e que se desconstrua o senso comum de que ele detém um sentido pronto e indiscutível.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Fapesp, 2006.



compartilhando
saberes

PROGRAD



www.ufsm.br/compartilhandosaberes

_____ ; Dicionários: história, leitura e produção. In: **Revista de Letras**, v. 3, n. 1/2, p. 06-21, 2010. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981/1305> >. Acesso em: 17 de junho de 2018.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHERER, A. E.; PETRI, V. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura...In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. (Org.). **A Análise do discurso e sua história**: Avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.